UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO / FACED
CURSO DE PEDAGOGIA – EAD

Maria Beatriz Lemos Dornelles

O ENSINO DE GEOGRAFIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Porto Alegre
2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO / FACED
CURSO DE PEDAGOGIA – EAD

Maria Beatriz Lemos Dornelles

O ENSINO DE GEOGRAFIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Trabalho de Conclusão apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia ao Curso de Pedagogia Licenciatura – modalidade a distância da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Dra. Denise Comerlato
Tutora: Ms Eliane T. Gheno

Porto Alegre
2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto
Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann
Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Aldo Bolten Lucion
Diretor da Faculdade de Educação: Prof. Johannes Doll
Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura na modalidade a distância/PEAD: Profas. Rosane Aragón de Nevado e Marie Jane Soares Carvalho

AGRADECIMENTOS

A você, que me trouxe palavras de incentivo quando prestes a desanimar.
A você, que me ajudou quando precisei de auxilio.
A você, que sempre esteve ao meu lado me apoiando nas mais diversas situações.
A você que diminuiu minhas dificuldades, fazendo-se presente nesta significativa etapa de minha vida.
Acima de tudo a Deus que escolheu cada um para fazer parte de minha história.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho de conclusão como um gesto de amor exclusivo a minha filha Carol Dornelles da Rosa que durante todo esse curso ficou sem a minha devida atenção.
Como um gesto de amor sublime a minha amada mãe, Maria Eva Lemos, que tem sido um exemplo de fé, coragem e amor.
Como um gesto de amor especial ao meu esposo e companheiro, Marco Aurélio Brasil que tudo fez para que eu pudesse chegar até aqui.

EPÍGRAFE

Lugares não são apenas espaços "físicos", mensuráveis. Nada acontece fora do espaço. E estes carregam uma carga psicológica e simbólica intrínsecas. Relacionar estes espaços com os serem humanos que ali habitam para entender a sociedade e este espaço, esta parece ser uma das contribuições da geografia. O desafio de estimularmos e buscarmos a felicidade com nossos alunos, estimulando-os a se manifestarem, a dizer a sua palavra, pensarem com suas próprias cabeças. Que saibamos a instigar a curiosidade em nossos alunos para eles buscarem os seus lugares e seus países, isto é, suas paixões e utopias. Paixão como sinônimo de busca de uma democracia real. Utopia não como "espera do paraíso", mas como sinônimo de luta. (KAERCHER, 2004 – p. 80 e 81)

RESUMO

Este estudo tem por objetivo atentar para o ensino de geografia nos anos iniciais. Neste trabalho apresento a análise de dados baseada em minha prática de estágio, na qual busquei, com as crianças de um 2º ano de uma escola pública estadual, no município de Alvorada, aprofundar o conhecimento sobre o espaço em que vivem e transitam. Como professora titular, diagnostiquei a necessidade dos alunos em operar com as relações espaciais, como a distância da casa x escola e localizar, por meio de representações gráficas, as dependências da escola ou o que está em torno dela. Para isso desenvolvi uma temática direcionada ao ensino da área de geografia. Parti do pressuposto de que a interpretação do *lugar* onde vivem é fundamental para um aprendizado mais significativo. Portanto usei o projeto de estágio, *Além de Minha Casa*, com o propósito de levar os alunos a refletirem sobre o meio em que estão inseridos, seja perto ou afastado do convívio familiar. Realizei um planejamento pedagógico que partiu do conhecimento prévio dos alunos, buscando em suas experiências a relação com o contexto geofísico, histórico e cultural do espaço vivido. O projeto teve como princípio uma metodologia flexível que proporcionasse uma dinâmica investigativa, interdisciplinar e reflexiva.

Nessa pesquisa busquei investigar o que os autores especialistas apresentam sobre o quê e como ensinar a geografia nos anos iniciais para compreender o espaço vivido. Assim, busco também responder de que modo o ensino da geografia contribui para um olhar mais atento, permitindo, aos alunos, leituras do mundo que os cerca.

Refletir teoricamente com os autores como Milton Santos, André Kaercher, Helena Callai, ou pesquisadores como Rafael Straforini, Jader Lopes e Tânia de Vasconcellos, me trouxeram um conhecimento mais consistente sobre como trabalhar a geografia. Deste modo, pude também ampliar os conhecimentos prévios dos alunos acerca dos seus contextos e estabelecer um diálogo entre as diferentes áreas de conhecimento

Palavras-Chave: Espaço Geográfico, Ensino, Contextualização,

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 08

2. GEOGRAFIA NOS ANOS INICIAIS 11

2.1.POR QUÊ ENSINAR GEOGRAFIA NOS ANOS INICIAIS.....15
2.2 O APRENDIZADO EM UM CONTEXTO SÓCIO-CULTURAL.....20

3 CONTEXTUALIZAÇÃO DO CONHECIMENTO.....26
3.1 A GEOGRAFIA PARA ALÉM DE MINHA CASA.....30

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....34

5. REFERÊNCIAS.....36

1. INTRODUÇÃO

Quando iniciei o meu estágio com crianças de um 2º ano, na Escola Estadual de Educação Básica Professor Gentil Viegas Cardoso, apesar de não estar teoricamente fundamentada para realizar uma metodologia transdisciplinar, tinha convicção de que não poderia continuar fragmentando o conhecimento. Precisava abrir para os alunos um leque de possibilidades. E foi com este propósito que me aventurei a sair da escola e ir conhecer a casa de um coleguinha da turma. Realizei a saída de campo. Uma estratégia que torna compreensível o que poderia ser apenas um assunto de reconhecimento. Este recurso utilizado nessa aula auxiliou, e muito, a relação dos alunos com o seu cotidiano, superando os limites da sala de aula, indo além da disciplina.

Como aluna do curso de Pedagogia de Ensino a Distância, PEAD, fui levada a refletir sobre o ensino de Estudos Sociais nos anos iniciais e como eram planejadas as minhas aulas nesta disciplina.

Estudando a interdisciplina *Representação do Mundo pelos Estudos Sociais* (RMPES), pude compreender que eu não priorizava esse ensino como uma prática pedagógica de incentivo a leitura do espaço onde os estudantes vivem. Via os Estudos Sociais como um roteiro de ações desenvolvidas sem contextualização com o meio social.

Durante este curso, estudando nas interdisciplinas, passei a rever minha prática e trabalhar de forma lúdica, contextualizada e integrada as demais disciplinas. Foi com a interdisciplina RMPES que iniciei minha pesquisa, buscando saber qual a importância do ensino de Geografia nos anos iniciais e como a criança compreende o espaço onde vive. Com Milton Santos (1988) pude perceber que a história não se escreve fora do espaço. E, por isso, precisamos interagir com ele, com o que pode ser percebido e construído a partir dele.

Desenvolvi um planejamento partindo das experiências e saberes dos alunos, flexível, aberto e contextualizado com as demais interdisciplinas e, assim, facilitando uma aprendizagem de totalidade-mundo nos anos iniciais.

Como professora titular da turma, tinha ciência que os alunos precisavam operar com as relações espaciais, com a representação de distância da casa x escola, localizar graficamente as dependências da escola ou o que está em torno dela. Foi a partir desta constatação que direcionei o meu objetivo pessoal para o ensino de Estudos Sociais. Parti do pressuposto de que esta área é muito importante na alfabetização de nossos alunos, assim como nas demais, para ajudá-las na compreensão, interpretação e raciocínio de situações do nosso dia-dia. Conforme Maria Bergamaschi (http://www.pead.faced.ufrgs.br/sites/publico/eixo4/estudos_sociais/do_acaso_a_intencao), "O planejamento deverá partir das experiências e saberes dos alunos, relativos a conceitos a serem trabalhados, para que se chegue a concretizar as intenções." Mas, esse planejamento deverá ser por princípio, flexível e aberto, porque deve inserir uma ação sociocultural do processo histórico, da história presente, que se mostra no dia-a-dia. Também pretendia contextualizá-la com as demais disciplinas, facilitando uma aprendizagem da totalidade-mundo nos anos iniciais.

Como titular da turma, desde o primeiro ano, desenvolvia os conteúdos de uma forma fragmentada, em disciplinas, centralizando mais a alfabetização na disciplina de Português. O importante para mim era a leitura e escrita sem, necessariamente, uma contextualização. Portanto, foi um desafio, escolher como tema para esse projeto de estágio a frase, "Além de minha casa", pois o propósito era estimular nos alunos a observação crítica da realidade que o cerca, fora da convivência familiar, uma leitura do espaço real/concreto assim como a leitura da representação gráfica.

Os temas como *minha casa, minha escola*, posso dizer, envolvem basicamente os "conteúdos" do 1º ciclo, aqueles que já haviam apresentado às diversas turmas nas quais já trabalhei neste tempo de profissão. Mas durante o estágio esses temas foram abordados de outro modo, buscando uma reflexão teórica e os conhecimentos prévios dos alunos, inserindo as especificidades da área, como a construção da noção de espaço.

Foi através dos registros e observações que foram realizadas durante esta prática de estágio que me propus a realizar este trabalho de investigação,

tendo como objeto de estudo a turma de 2º ano na qual ainda sou a professora regente da classe.

A turma 26, naquele momento, era composta por 30 alunos, sendo 13 meninas e 17 meninos. A faixa etária ia dos sete aos oito anos. Com exceção de dois alunos que eram repetentes e, portanto possuíam idades superiores aos mesmos.

A sala de aula era ampla, bem iluminada, arejada e com mobílias adequadas para realizar trabalhos em grupo, em circulo, ou usá-la como recurso pedagógico para vivenciar noções espaciais na observação das relações topológicas (em frente, atrás, perto, longe) e de lateralidade (direita e esquerda). Posso dizer que ela é uma sala adequada para todas as escolas, pois nela podemos realizar qualquer tipo de atividade.

Investigar o porquê da Geografia nos anos iniciais, utilizando-me de uma metodologia que modificasse a minha perspectiva sobre o ensino de Geografia seria uma maneira de reestruturar, com fundamentação, o meu fazer pedagógico.

Portanto, este trabalho de pesquisa tem por objetivo aprofundar os conhecimentos sobre a importância da Geografia nos anos iniciais, apresentando uma análise de dados que será evidenciada com os registros do diário de classe, do *pbwork.* Utilizo elementos de uma pesquisa participante ao considerar, na prática pedagógica, os questionamentos intelectuais dos alunos. Também busquei autores que ajudassem a compreender o problema de pesquisa proposto e a análise crítica dos dados, ou seja, que dessem fundamentação para esse trabalho investigativo.

2.GEOGRAFIA NOS ANOS INICIAIS

No ensino de Geografia dos anos iniciais do ensino fundamental, ainda predomina uma prática pedagógica tradicional. Essa questão já foi tema de vários artigos e mencionada por estudiosos especialistas como Milton Santos, Helena Callai, Rosângela Almeida, Nestor Kaercher, Rafael Straforini, que formaram a base teórica desse trabalho de conclusão. No entanto, essa reflexão ainda é uma questão a ser compreendida e desenvolvida pela maioria dos educadores, visto que as práticas tradicionais ainda vigoram.

Natanael Reis Bomfim[1], em seu artigo publicado sobre as representações sociais da geografia e do ensino da geografia, menciona que:

> Nas escolas, do Brasil e do mundo, percebe-se que o ensino de geografia mantém, ainda, uma prática tradicional, tanto no ensino fundamental quanto no médio. Para a maioria dos alunos, a aprendizagem da geografia na escola se reduz somente à memorização, sem fazer referência às experiências sócio-espaciais: Assim, o ensino e a aprendizagem da geografia escolar se caracterizam pela utilização excessiva do livro didático, pela aplicação dos conteúdos mais conceituais que procedimentais, como também pela utilização descontextualizada e estereotipada das cartas geográficas (BOMFIM, 1997, 1998; p.107)

E esta colocação foi prevista em outros anos subseqüentes, sendo que em 2006, quando iniciei minha especialização em Pedagogia nos anos iniciais ainda não tinha esse conhecimento. Portanto, posso afirmar que nos primeiros anos iniciais de escolaridade, o trabalho com a disciplina de Geografia, em sala de aula, se mantém ainda de forma fragmentada, sendo apresentada partindo das partes para o todo, como se o aluno tivesse que seguir uma escala de compreensão.

Segundo Santos (1997) os fenômenos espaciais devem ser apresentados em totalidade, contextualizados com o presente ou a realidade vivida. Pois os mesmos, quando apresentados de forma fragmentada, transcrevem apenas aquela realidade como se essa fosse separada do mundo.

1 Professor assistente do Departamento de Ciências Agrárias e Ambientais da Universidade Estadual de Santa Cruz/Ilhéus - BA.

> Tomados individualmente, representam apenas realidades parciais, limitadas do mundo. Consideradas em conjunto, porém, e relacionados entre si, elas constroem uma base teórica e metodológica a partir da qual podemos discutir os fenômenos espaciais em totalidade. (SANTOS, 1997:52)

Tomo a liberdade de reescrever aqui os problemas citados nos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs (2001, p.4-5), pois percebo que os mesmos ainda acontecem em minha escola. Segundo a análise feita pela Fundação Carlos Chagas, observa-se, que o ensino de Geografia apresenta problemas tanto de ordem epistemológica e de pressupostos teóricos como outros referentes à escolha dos conteúdos. Tenho ciência de que há pouco tempo atrás, realizava desta maneira minhas aulas. Quando trabalhava conteúdos da área, realizava, uma geografia neutra, centralizada em folhinhas mimeografadas com pequenos textos sobre família, bairro, cidade, escola, meios de transporte, meios de comunicação, dia do meio ambiente, da árvore, do índio, dos pais, das mães e outros dias que transcrevesse uma data importante, designadas pela própria mídia ou pela listagem de conteúdos. Na maioria das vezes, essas datas comemorativas não tratam dos conteúdos fundamentais da Geografia, tais como as categorias de nação, território, lugar, paisagem, e até mesmo espaço geográfico, e nem mesmo atentam para o estudo dos elementos físicos e biológicos que se encontram aí presentes.

As propostas curriculares produzidas nas últimas décadas ainda preservam um discurso da Geografia tradicional, ou seja, uma Geografia conteudista, onde o aluno é visto como um agente passivo. Essa Geografia não tem como objetivo uma compreensão processual e crítica do espaço, vindo a se transformar em aprendizagem de memorização, na qual esta é o exercício fundamental praticado no ensino desta disciplina.

Atualmente, esse ensino ainda continua atrelado às práticas de um contexto histórico, como pude refletir com SANTOS (2004) em seus escritos no livro *Por uma Geografia Nova*.

> Diante da marcha triunfante do imperialismo, os geógrafos dividiram seus pontos de vista. De um lado, aqueles que lutavam pelo advento de um mundo mais justo, onde o espaço seria organizado com o fim de oferecer ao homem mais igualdade e mais felicidade [...] por outro lado, aqueles que preconizaram claramente o colonialismo e o império do capital e aqueles, mais numerosos, que se imaginando humanistas não chegaram a construir uma ciência geográfica conforme a seus generosos anelos.
>
> Nascida tardiamente como ciência oficial, a geografia teve dificuldade para se desligar, desde o berço, dos grandes interesses. Estes acabaram carregando-a consigo. Uma das grandes metas conceituais da geografia foi justamente, de um lado, esconder o papel do Estado bem como o das classes, na organização da sociedade e do espaço (SANTOS, 2004, p.30-31).

Também em seus estudos, Straforini (2004) acredita que esse problema da fragmentação das partes para o todo é resultado de uma divergência nos avanços teóricos-metodológicos da Educação. Quando, a partir dos anos 80, os professores construtivistas ponderavam que o ensino nas séries iniciais deveria estar pautado nas experiências concretas dos alunos, a Geografia Crítica estava ancorada no materialismo histórico e dialético, tendo como princípio os modos de produção e relações de trabalho. Desse modo, as categorias/conceitos geográficos de *lugar*, *região*, *território* e *paisagem* pouco foram utilizadas nos estudos geográficos.

Segundo Kaercher (2004), precisamos mudar essa visão e, sairmos deste pedestal conservador, assumindo uma postura mais comprometida com a realidade de nossos estudantes.

> Precisamos superar essa visão ingênua, descompromissada, aparentemente apolítica, pois ela é justamente um modelo politicamente conservador, produto de uma cidadania contemplativa, inerte, do tipo “em sala de aula eu dou informações, os alunos que façam as conexões lá fora. (KAERCHER 2004, p.73)

Mas para que isso ocorra, é necessário que mais educadores da rede pública tenham oportunidade e coragem de comprometer-se em realizar uma geografia na qual os alunos possam interagir como pessoas atuantes no espaço social em que vivem. Para tanto, é preciso compreender o sentido do ensino da geografia, no que ela contribui para um olhar crítico da realidade e

na ampliação das visões de mundo. Enfim, saber as razões da importância deste ensino.

2.1. POR QUE ENSINAR GEOGRAFIA NOS ANOS INICIAIS?

Iniciar o estudo da Geografia no inicio da escolarização é poder fazer uma relação com o espaço vivido. É trazer para sala de aula a compreensão deste espaço. Pois com Straforini (2004), pude observar que o ensino da Geografia nos anos iniciais permite vermos o mundo de outro modo, não apenas centralizado na mercadoria e no dinheiro, como nos passam as imagens construídas pelo capitalismo e divulgadas pela mídia.

Ensinar Geografia nos anos iniciais é inserir o dia-a-dia dos alunos nas atividades de sala de aula. É transformar as dúvidas que os alunos possuem sobre os fenômenos que eles vêem ou os questionamentos que surgem em nossa aula em objetos de estudos. Assim começamos a construir as noções de espaço e tempo. Isso ocorre quando nós professores formamos em nossos alunos a criticidade, um componente importante no desenvolvimento da cidadania.

A importância do ensino de Geografia nos anos iniciais se dá quando possibilitamos ao estudante a compreensão de que ele é parte integrante das relações da sociedade com o meio natural. Quando realizamos atividades de observação do lugar vivido, refletimos sobre os fatos que ocorreram ou ocorrem, produzindo mudanças do ambiente natural e social. À medida que o aluno aprende sobre o lugar onde vive, ele se coloca diante dele. E somente sentindo-se participante poderá perceber que as suas ações individuais ou coletivas podem trazer conseqüências para si ou para o meio em que está inserido.

Quando se ensina geografia no inicio da escolarização possibilita-se ao estudante que ele compreenda a sua atuação como contribuinte nesta construção da sociedade pois, segundo Callai (2005), uma forma de fazer a leitura do mundo é por meio da leitura do espaço, ou seja, através do que se vê e de como se participa do meio. Para isso é necessário aprender a ler o espaço. Essa compreensão demanda uma série de condições, como a necessidade de aprender as noções de espaço desenvolvendo a localização e a representação gráfica. Pois como explicita Straforini,

> Não podemos mais negar a realidade ao aluno. A Geografia, necessariamente deve proporcionar a construção de conceitos que possibilitem ao aluno compreender o seu presente e pensar o futuro com responsabilidade, ou ainda, preocupar-se com o futuro através do inconformismo com o presente (STRAFORINI, 2004. p. 51)

Sendo assim, este é um processo que devemos iniciar desde o momento em que a criança começa a ter curiosidade sobre o meio onde está inserida. Neste momento a criança demonstra já está reconhecendo lugares e conseguindo identificar as paisagens. (CASTELAR, 2000, p30).

Portanto esta é uma questão que devemos considerar quando vamos planejar nossas atividades nos anos iniciais, pois ensinar geografia não é apenas realizarmos um texto com o tema proposto. É antes de tudo conhecer como nossos alunos compreendem o lugar onde vivem. Como percebem o espaço onde moram.

Posso evidenciar essa prática através da análise dos dados, pois na primeira semana, quando iniciei o projeto *Além de minha Casa* com a turma, pude estabelecer relações com o conhecimento prévio que tinham sobre o conceito de *Lugar*. Proporcionei aos meus alunos desenvolverem a capacidade de identificar e refletir sobre diferentes aspectos da realidade onde viviam. Partindo da questão proposta: *O que é Lugar?* Surgiram várias situações nas quais alguns pensavam como um espaço fechado (casa, escola, cozinha), como espaço ocupado (onde o colega senta), ou mesmo como espaço aberto, natural (floresta).

Apresentarei aqui o trecho de minha análise de dados representada pela fala de alguns alunos do 2º ano, que pode esclarecer melhor o foco pretendido:

PF - O que é lugar?
AJ - É onde moro.
AD - É a escola.
AB - A casa.
AG - É o lugar do B. Porque a gente diz: sai do meu lugar!
AM - Pode ser a floresta, tem história que diz era um lugar cheio de árvores.
AG - A eu acho que é uma cozinha?
AD - A sala de aula
AGL - A casa

AA - O Shopping, o MC Donald
ATH - A praça.

Solicitei que registrassem através de desenho a resposta que encontraram e então voltei a questioná-los qual era o desenho que podíamos considerar *lugar*. A maioria respondeu “a casa”. Observei que esta representação de *lugar* tinha sido a escolhida, por ser o desenho mais repetido pela maioria. Mas também percebi em seus olhares que ainda persistia a dúvida, pois esperavam que eu mencionasse a “resposta correta”, segundo eles.

Quando apresentei outra questão: *Em que lugar gosta de ficar?* A turma toda respondeu rapidamente que era a casa, o lugar preferido para estar.

Portanto, mencionando esta análise de dados, posso evidenciar também que o ensino de geografia requer um educador que esteja pronto a mudanças. Que olhe para seus alunos e veja o quanto ele tem a contribuir na busca de um conhecimento. Este, como professor de anos iniciais pode proporcionar essa vivência, preparando os alunos a compreenderem as mudanças ou transformações que ocorrem neste universo de estudo.

Os conceitos de lugar, paisagem, espaço e território, devem ser introduzidos na vida dos estudantes de maneira que façam relações com suas próprias concepções sobre a sociedade e a natureza. Com Kaercher, pude analisar melhor esse fato, quando mencionou que:

> Precisamos exercitar nossos alunos a escrever, ler e dizer a sua palavra em sala de aula e nas aulas de geografia. É espantoso que deixemos para os professores da língua portuguesa essa tarefa absolutamente comum a todos os professores, independente de sua área de atuação. Ok, sei que nossos alunos “não gostam de ler”! Mas não falo apenas de ler palavras, livros! Falo de ler o mundo. (Kaercher, 2004, p.77).

Impreterivelmente devemos capacitar os estudantes a apresentarem sua visão sobre o ambiente do qual faz parte. Por meio da geografia o aluno pode ter essa oportunidade, e a sua atuação em observar e falar do espaço onde mora poderá contribuir para a construção e transformação do meio social.

É nas aulas dos anos iniciais do ensino fundamental que o professor tem a oportunidade de formar nos estudantes uma visão autônoma e crítica do meio onde vive, lendo o mundo, o espaço que o cerca.

Straforini (2004) menciona que alguns autores acreditam que o ensino de Geografia seja fundamental para que as novas gerações possam acompanhar e compreender as transformações do mundo. E nada melhor do que adentrar o ensino da geografia em anos iniciais, pois é aí que se encontra a oportunidade de apresentarmos o espaço como uma totalidade.

> Essa realidade está inserida num todo, numa totalidade. O estudo fragmentado da realidade não leva o aluno a lugar algum. Muitas vezes o ensino não passa de uma decoração exagerada, da enumeração e da descrição de fatos isolados. [...] a geografia comprometida com o cidadão deve ensinar o ato de pesquisar, pois, ao trabalhar com a realidade, o aluno vai perceber os motivos humanos nos estudos das informações e que compreender o todo é mais importante que saber tudo. (STRAFORINI, 2004.p. 52)

Para Kaercher (2004), a Geografia, como qualquer outra disciplina, requer um educador que não esteja apegado aos pressupostos conservadores de idéia iluminista-positivista[2]. Requer um educador que esteja pronto a derrubar o mito de que ensinar é seguir os conteúdos propostos nos currículos escolares, pois como menciona,

> Mas por que digo isso? Para derrubar um mito que nós mesmos professores construímos e usamos como desculpa para não mudar nossa prática: "temos que vencer os conteúdos", "as direções nos obrigam a seguir tal orientação", "precisamos ter essa homogeneidade, pois os alunos podem-se transferir e se desorientar". Repito: mitos, desculpas! Primeiro: temos que superar essa visão- que é política e ideologicamente conservadora de que temos que "vencer tal conteúdo", temos "que dar matéria" para sermos considerados "bons professores". Não é a quantidade de matéria que vai caracterizar um bom professor, mas sim se ele opera na lógica de ajudar o aluno a compreender o que está trabalhando (KAERCHER,2004. p.75)

2 Segundo Kaercher, Iluminista porque concebe o saber escolar como uma luz a iluminar as trevas da ignorância. Positivista porque pretendia ser "neutro", longe das polêmicas e conflitos. (KAERCHER, 2004. P.74)

A Geografia se faz necessário nos anos iniciais para que possamos em nossas aulas desenvolvermos nos alunos a compreensão e a ter informações do mundo em que vivem, como foi produzido aquele espaço, o porquê das relações entre sociedade e natureza. E, finalmente, a Geografia trabalhada nos anos iniciais significa fornecer ao aluno condições para que seja realmente construída a sua cidadania. (CALLAI, 1998)

2.2. O APRENDIZADO EM UM CONTEXTO SÓCIO-CULTURAL

A educação do século XXI tem como processo educacional um aprendizado contextualizado no meio social, respeitando as diferentes culturas e origens de seus alunos, pois o fenômeno da globalização eleva o ensino do espaço geográfico em rede mundial, interligando a política social e cultural. E, portanto, essa educação deve estabelecer relações entre a escola e a vida. Segundo Santos,

> Cada homem vale pelo lugar onde está: o seu valor como produtor, consumidor, cidadão, depende de sua localização no território. Seu valor vai mudando, incessantemente, para melhor ou para pior, em função das diferenças de acessibilidade (tempo, freqüência, preço), independente de sua própria condição. Pessoas com as mesmas virtualidades, a mesma formação, até mesmo o mesmo salário têm valor diferente segundo o lugar em que vivem: as oportunidades não são as mesmas. (SANTOS, 2004, p.81)

É por isso que devemos contextualizar os conhecimentos com a realidade que os cercam, refletindo, analisando, pesquisando as observações realizadas do lugar onde se vive.

Para Straforini,

> O mundo irreal construído nas aulas de Geografia é resultado da ação do professor que não estabelece relações entre a escola e a vida, ou seja, com a realidade dos alunos. Nas aulas de Geografia, a fragmentação do conteúdo em Geografia humana, econômica e física é irreal, que só existe nos livros didáticos e nas cabeças dos professores de Geografia. (KAERCHER, 1998 apud STRAFORINI, 2004, p.82)

Com isto posso afirmar que precisamos relacionar o espaço com a natureza assim como o espaço com a sociedade, significando perceber os aspectos culturais e sociais do mundo em que vivemos pra uma aprendizagem significativa.

Tenho certeza que pude contribuir nessa aprendizagem em um contexto sócio-cultural, quando desenvolvi meu projeto de estágio, pois fui buscar nos alunos o que eles percebiam do espaço em que se encontravam e, pude constatar através do diálogo, que eles tinham a sua casa como o lugar mais presente do seu contexto. Para melhor compreensão do espaço, aonde estava inserida o "objeto" que consideravam como *lugar*, combinamos visitar a casa de um coleguinha da turma.

Ao realizarmos a visitação, puderam observar registrar, problematizar, pesquisar fenômenos sociais, culturais ou naturais que compõem a paisagem e o espaço geográfico onde vivem.

De acordo com Straforini,

> Não se espera que uma criança de sete e oito anos possa estabelecer relações espaços-temporais capazes de abarcar toda a complexidade explicativa para o seu imediato concreto, ou seja, para o seu lugar. No entanto, privá-la de estabelecer hipóteses, observar, enumerar, classificar, descrever, representar e construir suas explicações para o que está a sua volta é uma prática que não condiz mais com o período atual. O papel do professor é auxiliar na construção desse todo articulado presente no lugar. Todavia, por melhor intencionada que seja a prática pedagógica do professor, se ela não estiver alicerçada no conceito atual de lugar, continuará fragmentando o espaço geográfico em partes estanques e dissociadas. (STRAFORINI, 2004, p. 92)

Confrontando minha análise de dados percebo que proporcionei essa indicação de Straforini quando, em rodinha, ao final do turno, conversamos sobre possíveis visitações aos espaços da escola e do entorno dela.

Apresentarei, a seguir, o trecho do diálogo realizado com a classe como um ponto esclarecedor da questão mencionada:

AG - Eu queria conhecer a sala da direção
AB - Eu quero ver a sala de vídeo. Dá pra levar filme?
AL - Que dia a gente vai?
AD - Eu quero visitar a Biblioteca.
AT - Eu quero ir ao saguão, ali também é um lugar, né, profê?
P - Sim é um lugar.
ATH - Então a cancha também é um lugar.
AM - Lá na frente da escola também é um lugar.
AJ - Então pode ter lugar aberto e lugar fechado?

AG - Claro, a casa é um lugar. Onde a gente mora.

Mas antes de sairmos para observarmos os lugares internos da escola saímos para analisar e observar a entrada da escola. Combinei que iríamos fotografar a entrada da escola e, por isso, precisavam olhar com bastante atenção o mesmo ponto de entrada. Quando eu fosse tirar a foto, gostaria que eles também registrassem em sua memória o que viram.

Depois entramos para o pátio e ficamos de frente para o saguão. Ali fiz as seguintes perguntas: *O que você vê na sua frente? O que você vê do lado esquerdo? O que você vê do lado direito?*

Durante essas aulas pude exercitar a lateralidade. Desta forma fui entrelaçando, aqui, uma leitura do ambiente ocupado por eles e do qual tinham conhecimento e vivência. As palavras escritas eram retiradas deste momento, tornando compreensiva e utilitária. Isso é ler o ambiente visitado, pois com Santos (2004) pude refletir e analisar minha prática. Agora mais especificamente como definição de espaço.

> É uma tarefa extremamente árdua, já que cobre uma variedade tão ampla de objetos e significações. Quando olhamos os utensílios comuns à vida doméstica, como um cinzeiro, um bule; é espaço. Ou observando uma estatueta ou uma escultura, qualquer que seja sua dimensão, é espaço; uma casa é um espaço, como uma cidade também o é. Ainda menciona Santos que há o espaço de uma nação (sinônimo de território, de Estado) de espaço terrestre, da velha definição de geografia, como crosta do nosso planeta; e há, igualmente, o espaço extraterrestre, conquistado pelo homem, e, até mesmo o espaço sideral, parcialmente um mistério (SANTOS, 2004, p.151)

Como menciona Santos. Em suas afirmações, Santos deixa claro que o espaço que interessa é o espaço humano, aquele que contém ou é contido por todos esses múltiplos de espaço.

Em outro momento o autor continua:

> Não há grande dificuldade em definir um vaso de flores, um arranha-céu, um planeta ou uma constelação. O espírito humano rapidamente se satisfaz com tais definições. Mas, quando a nossa curiosidade se transfere para o espaço humano, enormes dificuldades se levantam porque é a morada do homem, é o seu lugar de vida e de trabalho. (SANTOS, 2004, p.151)

Partindo do pressuposto de que a casa era o lugar que mais gostavam de ficar, fomos conhecer a casa do coleguinha. Neste momento queria proporcioná-los a possibilidade de olhar o caminho que o colega fazia, ou eles próprios, com outro olhar. Levá-los a observar o que havia na rua, quais os tipos de casas, como era o espaço em que a escola estava inserida. Enfim, queria fazer meus alunos verem o que nunca tinham visto. Mesmo passando todos os dias por esse caminho, tinha certeza de que eles não relacionavam ou problematizavam as situações ali existentes. Neste aprendizado, consegui fazer com que os alunos observassem os buracos da rua, as casas que eram de madeira ou alvenaria, se a casa do colega era pequena ou grande para o número de pessoas ali presentes e, também, a comparação entre as peças da sua casa com o do colega. Segundo Kaercher

> Pude construir com os alunos (e não apenas mostrar, falar, ”catequizar”) a idéia de que espaço não é (só) sinônimo de física (=espaço sideral), de matemática (a casa mede 4mx8m), mas sim sinônimo de território, espaço geográfico, local onde ele vive, anda, enxerga, toca, estaremos trazendo a geografia para o mundo dele. (KAERCHER, 2004, p.79).

Desta forma os alunos foram observando, fazendo trocas dos erros pelas ações mais corretas, aguçando a sua curiosidade, como já mencionava Paulo Freire.

> O exercício da curiosidade a faz mais criticamente curiosa, mais metodicamente perseguidora do seu objeto. Quanto mais a curiosidade espontânea se intensifica, mas, sobre tudo se rigorisa, tanto mais epistemologicamente ela vai se tornando (FREIRE 1996, p.87)

Deste modo inseri os alunos nesta busca constante de suas curiosidades, trazendo para eles uma Geografia funcional, contextualizada, com a leitura que eles fizeram do seu meio de convívio. Como relato em minha análise de dados: levei meus alunos para fora do espaço escolar. Esta

atividade veio a ser a mais importante e prazerosa das atividades que realizei em meu estágio.

Eles não estavam saindo da escola para um passeio ou visitar o coleguinha, mas para observar o trajeto que o colega faz para vir de sua casa até a escola. Isso que faz a diferença, estudar fora da escola. Perceber o sentido e significado da palavra moradia, cômodos da casa no seu cotidiano, como vivem os moradores, com que material a casa foi construída... observando, descrevendo indagando. Uma aprendizagem em um contexto sócio cultural.

Para o estudo deste, fui buscar em Callai, sua percepção sob o olhar espacial:

> O olhar espacial supõe desencadear o estudo de determinada realidade social verificando as marcas inscritas nesse espaço, O modo como se distribuem os fenômenos e a disposição espacial que assumem representam muitas questões, que por não serem visíveis têm que ser descortinadas, analisadas através daquilo que a organização espacial está mostrando. (CALLAI, 2000, apud CALLAI, 2005, p. 237)

É através da observação e da análise dos espaços construídos que podemos compreender o lugar e como vivenciar suas representações através das relações sociais. Podemos perceber também como o lugar coloca limitações ou possibilidades à sociedade.

Quando olhamos o espaço com um “olhar espacial”, podemos observar as mudanças que ocorrem, as diferenças nas construções, nas ruas, em todo o ambiente ao redor. Pois cada homem vale pelo lugar onde está, conforme Santos (2004).

Com esse olhar podemos observar melhor a realidade social do lugar em que se vive. Podemos provocar nossa criticidade para o que acontece em nossa volta e termos conhecimento do foi ou poderá ser feito no espaço em que moramos.

Com isto pude constatar que ao observarmos o objeto em estudo, sendo este da realidade do aluno, torna-se, certamente, um aprendizado muito

significativo. Uma atividade extraclasse, com objetivos definidos e um roteiro, fornecem um grande auxilio no conhecimento do aluno e também ao professor, pois se trata de uma prática do real, da experiência. Isso o professor (a) não tem como saber, somente poderá prever. E, com certeza, em cada situação, mesmo oportunizando os mesmos objetivos, o professor terá diferentes resultados. Cada um possui um estilo próprio de ver o objeto em estudo. Pois segundo Santos, “é a realidade de cada indivíduo que o autoriza e o leva a ver as coisas sob um ângulo particular”. (SANTOS, 2004. p.161)

3. CONTEXTUALIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

Apresentarei, a seguir, uma atividade realizada na turma que serviu de contextualização para o conhecimento adquirido durante o caminho percorrido até a casa do aluno G:

PF - Vamos representar o trajeto que percorreram até a casa do G?
Nesta tarefa, os alunos, iriam confeccionar uma maquete, Para esta realização iam buscando com os colegas informações que os ajudassem a concretizarem o observado.
AJ - Acho que tem que ter duas cartolinas.
AR - A rua da escola é muito comprida.
AF - Tem uma rua depois da parada ou duas?
AL - Tem a Rua do E, depois a da J.
AJ - A minha é duas depois do G.
AM - Vamos colocar essa árvore aqui, pois tem árvores na rua.
AV - Na tua casa tem uma árvore, né G?
AG - Sim, a minha árvore e de limão.
PF - Um limoeiro, a árvore que dá o limão é o limoeiro.
AJ - Eu tenho um pé de laranjeira. Posso fazer a minha casa e colocar a laranjeira.
AL - Tem uma parada bem aqui. Logo que passa o armazém da dona C.
AJ - Deste lado tem a rua atrás da escola
AGL - Depois da parada tinha mais uma rua...
AL - Não, eram duas.
AGL - Pergunta pro G, ele sabe.

O diálogo contextualiza o conhecimento. Foi a partir desse diálogo que os alunos foram desenvolvendo a maquete do percurso que levava à casa do aluno G, interagindo com os conhecimentos adquiridos de cada um deles. Tenho certeza que se meu objetivo fosse amplo, como por exemplo, representar o que vimos durante a caminho da casa do aluno G, as representações seriam as mais diversas, pois cada um teria uma observação de um ponto do caminho. Comprovando assim a particularidade da observação e da análise do sujeito humano. Porém, meu objetivo era representar na maquete o caminho que os levava da escola até a casa do coleguinha, o percurso, o trajeto e, portanto, a representação foi apenas uma construída coletivamente. Portanto, a abordagem foi contextualizada com o conhecimento de cada um que participou do trajeto. Mesmo os que não estavam presentes,

tiveram sua participação, já que puderam visualizar a realização do trabalho e também colocar o seu ponto de vista, concordando ou não com a visão do colega.

Desta forma, trocando entre eles os conhecimentos adquiridos, iam realizando a maquete. Essa troca, na qual colocam suas dúvidas para os colegas, é o canal para uma aprendizagem significativa. Foi isso que eles realizaram através do contexto sócio-cultural vivido por eles.

Segundo Piaget (*1987*),

> Os alunos com idade entre 7-8 a 11-12 anos estão no período do desenvolvimento Operatório Concreto e, portanto esses alunos têm um nível de linguagem pautada no diálogo, o que possibilita a troca e a comunicação entre eles, socializando-se e organizando-se, praticando uma vivência pautada no coletivo.

Por esse motivo acredito ser o professor dos anos iniciais o mais indicado a iniciar esse diálogo, porque tem oportunidade de estar mais próximo e, portanto, com maiores condições de construir uma prática de leitura de mundo.

Outro ponto observado, que também contextualiza o conhecimento, é a atividade em grupos. A interação favorece o conhecimento, pois através dela acontece a troca de saberes. Os alunos vão dividindo, apresentando e esclarecendo suas dúvidas entre si. De uma maneira aberta e flexível. Aberta porque estão entre colegas que conhecem e, portanto, podem falar sem receio. Flexível porque se a resposta não satisfez, podem perguntar a outro que irá definir com mais clareza o que está em questão.

Com este trabalho, novas palavras passaram a fazer parte do vocabulário dessas crianças em seu segundo ano na escola. Uma nova contextualização do seu conhecimento, a leitura e escrita como compromisso de todos, como menciona Kaercher (2004). Através desta leitura de mundo pode-se realizar a leitura das palavras que estão sendo colocadas durante as observações. Poderia existir algo mais significativo do que a palavra que é

falada por eles durante as suas indagações, ou suas percepções do lugar vivido?

Nesta análise de dados posso aderir à idéia de Kaercher (2004), de que precisamos exercitar nossos alunos a escrever, a ler e a dizer a sua palavra, pois somente através do diálogo que realizamos em nossa aula podemos prepará-los para a vida, uma das tarefas fundamentais da escola.

> Se conseguirmos construir com os alunos (e não apenas mostrar, falar, "catequizar") a idéia de que espaço não é (só) sinônimo de física (espaço sideral), de matemática (à sala mede 4mx8m), mas sinônimo de território, espaço geográfico, local onde ele vive, anda, enxerga, toca, estaremos trazendo a geografia para o mundo dele, tirando-a dos livros didáticos e do quadro-verde, dois entes tão distantes (afetivamente falando). Se mostrarmos que este espaço esta impregnado de sua ação, que é a constante relação sociedade-natureza, então teremos mais chances de realizar um diálogo real entre professores e alunos". (KAERCHER, 2004.p.79)

Em outro momento o autor menciona

> Se percebermos que o espaço, essa categoria especial a Geografia, está no nosso dia-a-dia e não só nas aulas de Geografia e nos mapas. Perceber que as contradições sociais são fundamentais para entendermos a Geografia e que elas são imprescindíveis para lermos o mundo. Perceber que os conflitos (políticos, econômicos, culturais) são elementos produtores/reorganizadores do espaço. (KAERCHER, 2004.p.82)

Outra atividade desenvolvida seguindo este contexto foi no laboratório de informática, onde os alunos foram observar os diferentes tipos de moradias segundo as classes sociais. Neste ambiente informatizado, os alunos podem preparar-se para lidar com aspectos que desconhecem e aprender a buscar por esse conhecimento. Também podem através da simulação reproduzir situações da vida real e comparar com o que sabem sobre a mesma situação.

Trabalhar com uma metodologia que proporcione uma *Arquitetura Pedagógica* é ser um educador em constante aprendizagem. A Arquitetura

Pedagógica requer flexibilidade para desenvolver os conteúdos, conhecimento interdisciplinar, pois terá que abranger várias habilidades, e não centrar-se somente nos seus conhecimentos. A dúvida também é um pressuposto nesta proposta Pedagógica.

> Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, as suas inibições, um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho- a de ensinar e não a de transferir conhecimento (FREIRE, 2001, p.520)

Nesta atividade, desenvolvida no laboratório, pude proporcionar aos estudantes uma forma de transformar as suas dúvidas em conhecimento, pois as informações ali apresentadas serviram como suporte para articular o conhecimento com as outras áreas disciplinares.

3.1. A GEOGRAFIA PARA "ALÉM DA MINHA CASA"

A inter-relação da Geografia com outras áreas é mais uma forma de contextualizar o conhecimento, isso se dá por meio da "interdisciplinaridade, isto é, por meio de uma imbricação entre disciplinas diversas ao redor de um mesmo objetivo de estudo". (SANTOS, 2004, p.133). E foi isso que proporcionei buscando na disciplina de Geografia a noção de espaço, mas trabalhando de forma lúdica, contextualizada e integrada.

Em minha análise de dados pude perceber que promovi a interdisciplinaridade integrando a Geografia com as outras disciplinas como Artes, Educação Física, Português, Matemática e Música.

Nesta busca pela interdisciplinaridade tenho por base os argumentos de Santos, no qual menciona que:

> Uma interdisciplinaridade que não leva em conta a multiplicidade de aspectos com os quais se apresenta aos nossos olhos uma mesma realidade poderia conduzir a construção teórica de uma totalidade cega e confusa, incapaz de permitir uma definição correta de suas partes, e isso agravaria, ainda mais, o problema de sua própria definição como realidade total.
>
> (...) Em realidade, para ter sucesso é, antes de tudo, preciso partir do próprio objeto de nossa disciplina, o espaço, tal como ele se apresenta, como um produto histórico, e não das disciplinas julgadas capazes de apresentar elementos para sua adequada interpretação. (SANTOS, 2004, p. 141)

A atividade realizada no Laboratório de Informática proporcionou essa integração interdisciplinar. Apresento a seguir a atividade, pois é muito elucidativa para o estudo em questão;

PF- Vamos ver quem consegue escrever usando o teclado a palavra MORADIA. Muito bem! Agora vamos abrir o Google. Quem sabe ajuda quem não sabe Ok?
AAL- Eu posso. O que vamos procurar profê?
PF - Imagens de MORADIAS. Quem sabe procurar imagens?
Após várias informações conseguimos encontrar as imagens pretendidas.

AG - Achei! Olha essa é muito linda.
PF - AG, já que foi você que encontrou primeiro me diga do que ela foi feita. Que materiais foram utilizados.
AL - Essa casa foi feita com tijolos, cimento e areia. Como a minha
PF - Quem mais pode dizer do que foi feita a casa que estão vendo?
AJ - Esta é de madeira, tem vidros, tem cimento também.
AE - Esta aqui é de bem pobre, pois é feita de papelão e lata velha!
PF - É! Muitas pessoas não podem fazer casa como a que vocês moram.
AJ - É! Esta é de quem não tem onde morar.
AL - Essa tem, não tem aqueles que dormem na rua.
PF - Agora, vamos digitar a palavra FAVELA
Fiz a mesma proposta de ver o material. Observaram que todas eram construídas em morro, muito juntas uma das outras. Um aluno abriu a imagem onde aparecia uma obra de Tarsila do Amaral. Como o tempo estava esgotado, deixei-os livre para apenas observá-los. Percebi que voltavam as imagens de casas maiores, mansões.
AAL - Esta é a minha casa.
AT- E esta é a minha.

Neste momento um novo leque se abriu para uma nova contextualização interdisciplinar, a leitura de imagens. Pois as observações feitas durante esse período me levaram a proporcionar uma releitura da obra de Tarsila, Morro da Favela. Nesta tarefa, aproximei os alunos a fazer leitura dos códigos do sistema de representação das artes.

> É na inter-relação do indivíduo com os objetos que se dá a organização de um sistema de imagens visuais/mentais que, gradualmente, conduzem a percepções cada vez mais complexas e sutis, permitindo não só a compreensão dos acontecimentos inerentes à arte, mas, principalmente, a produção de conhecimento em arte. Conseqüentemente, o estímulo à leitura das imagens é fundamental para que alcancemos esta meta e passemos a perceber o que muitas vezes se esconde a um olhar desatento (KEHRWALD, 2004, p.28)

Para Kehrwald (2004) a leitura de imagens possibilita apontar novos significados, educar o olhar para uma investigação do intertexto. As obras de arte nos remetem, muitas vezes, à objetos já vistos, à formas ou fatos do cotidiano, como o desenvolvido na releitura da obra de Tarsila. A leitura visual proporciona ao aluno observar com mais detalhe a imagem, desenvolvendo assim um olhar mais critico ao mundo que o rodeia. Assim, podemos

representar algo do nosso ponto de visualização e também passamos a Identificar aspectos comuns entre os mesmos, como posso elucidar por meio do diálogo:

AMA - Eu vi esta figura lá no Google.
AJ - Eu também vi.
AL - Tem um cachorro, ali.
AGL - Tem uma galinha
AB - Aquilo não é galinha é um pássaro.
Lembro que outro aluno mencionou algo como
AC - As casas ficam de um lado da rua.
PF - Como assim?
AC - A pintora estava deste lado! (apontando com a mão o lado em que ela, AC, estava)
.

Deste modo, pude perceber que a aluna já estava relacionando a posição dos objetos no espaço. Que podemos representar algo do nosso ponto de visualização.

Kehrwald (2004) também menciona que, na aprendizagem dos códigos do sistema de representação, a arte visual é tão importante quanto o entendimento dos sistemas numéricos e de escrita. Nesta proposta os alunos podem expressar sua individualidade, representar o mundo e as práticas sociais segundo uma forma particular e subjetiva.

Também pude contextualizar a poesia *Casa*, na música de Vinícius de Moraes. Trouxe para a sala uma realidade assistida por muitos de meus alunos: o programa Lar Doce Lar[3]. Pois logo após a apresentação da música, os alunos lembraram-se do programa. Dialogamos sobre as diferentes classes sociais. A partir deste contexto conhecido e comum a eles, pude desenvolver uma geografia crítica, alicerçada no imaginário ou no real, mas vivido por eles. Também pude oportunizar a leitura de palavras, a formação de frases e a produção textual. A maioria das produções foi realizada coletivamente, no grupo. Observei que, mesmo os que não sabiam escrever, davam idéias para os outros*: escreve aí, tem muita areia*.

Essas possibilidades de trabalho indicam que “estar alfabetizado em Geografia significa relacionar espaço com natureza, espaço com sociedade”. (KARCHER, 2004, p. 83).

[3]Quadro do Programa Caldeirão do Huk exibido aos sábados pela Rede Globo de Televisão apresentado por Luciano Huk

E, desta forma, podemos realizar a leitura da palavra por meio da leitura do mundo, desenvolvendo uma alfabetização significativa. Pois quando estamos contextualizando os saberes com a realidade vivida, estamos representando a nossa palavra, a nossa história.

> Se o professor, seja ele de qual área for, conseguir fazer seus alunos "verem cores" (sejam elas de Almodóvar ou as suas) que nunca tinham visto, "prestarem atenção" em coisas até então imperceptíveis, então estará estimulando-os a ler o mundo com outros olhos.
>
> Se conseguirmos fazer que nossos alunos "ouçam o seu irmão" com respeito e atenção, então estaremos contribuindo para o respeito ao outro, diminuindo os preconceitos, deixando de "passearmos no escuro" da intransigência. O "aprender a ouvir" o outro, com respeito e atenção, é um exercício pedagógico difícil que, nós professores, podemos ajudar a praticar. (KAERCHER, 2004,p.79)

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletir sobre como os alunos compreendem o espaço é pensar como eles são, como vivem, que prioridades têm, quais saberes trazem consigo.

Durante este estudo pude perceber que sempre encontraremos no espaço algo que terá sentido para nós, pois representa a nossa participação nesse meio.

Desenvolver a disciplina de Geografia como fio condutor para desencadear a contextualização do conhecimento foi, para mim, um estudo que acrescentou, em minha formação como professora dos anos iniciais, uma nova visão para a educação do século XXI. Uma educação voltada para o mundo, para a totalidade – mundo no ensino da Geografia para os anos iniciais, assim como poderia ser para os anos finais do ensino fundamental e médio. Pois essa Geografia, como Ciência, deve apresentar uma educação que proporcione situações em que o educando busque informações e consiga transformar essas informações em conhecimento.

A Geografia nos anos iniciais deve estar voltada para a leitura do mundo atual, pois é uma Ciência do presente, e deve proporcionar um olhar crítico para a sociedade do passado, do presente e do futuro.

Não podemos mais desenvolver uma educação que engesse o objeto de estudo, seja qual for área do conhecimento. O aluno precisa interagir com o objeto, vivenciando e contextualizando com o seu momento, dentro do espaço em que convive.

E foi através destes parâmetros que fui concluindo este estudo. O tempo foi pequeno, mas me proporcionou um leque de informações, pois a cada reflexão sob a fundamentação teórica e a relação com a análise de dados percebia que minha aprendizagem tornava mais significativa, mais qualitativa e mais conhecimento adquiria.

Nenhuma mudança teria ocorrido em minha carreira profissional se continuasse a acreditar que a leitura e escrita só podem ser desenvolvidas na disciplina de Português, atualmente área das linguagens.

Pretendia, no inicio da minha prática de estágio, desenvolver atividades de ensino com o objetivo de proporcionar a noção de espaço (como lateralidade, distância, posição, etc.) e também apresentar a disciplina de geografia como um eixo norteador importante para leitura e escrita. Entretanto, durante minhas reflexões semanais, fui desenvolvendo a idéia de que o espaço é o local onde o aluno vive, enxerga, anda, toca. Que podemos "geografar", ou seja, escrever a Geografia no nosso dia-a-dia, através da nossa ida e vinda para a escola.

Meus alunos não só aprenderam a se localizar no espaço escolar, a estabelecer relações entre diferentes distancias, entre a escola e sua casa, como puderam compreender o *lugar* como o espaço vivido.

Descobri que realmente podemos desenvolver a leitura e a escrita em geografia no momento em que nossos alunos passam a enxergar o lugar onde vivem com outro olhar. Pois desta maneira eles vão crescendo, conhecendo as transformações que ocorrem em seu redor, e assim poderão desenvolver sua criticidade, ouvir e respeitar o outro, refletir sobre as desigualdades sociais e a perceber que ele é um individuo pertencente a essa sociedade e, como tal, responsável pelas suas modificações.

5. REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**, 8ª Ed. São Paulo, p. 52-87, 1996

KAERCHER, Nestor André, **Ler e escrever a geografia para dizer a sua palavra e construir o seu espaço**, 6ª Ed. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2004. p. 73-85

KEHRWALD, Isabel Petry, **Ler e escrever em artes visuais**, 6ª Ed. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2004. p. 23-33

SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica**, 6ª Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004

SANTOS, Milton**. O espaço do cidadão**, 4ª Ed. São Paulo: Nobel, 1998

STRAFORINI, Rafael, **Ensinar geografia: o desafio da totalidade – mundo nas séries iniciais**, 1ª Ed. São Paulo, Editora Anablunne, 2004

Ministério da Educação e do Desporto, **Parâmetro curriculares nacionais**

SITES PESQUISADOS:

CALLAI, Helena Copetti, **Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental**. CAD. Cedes, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005 – disponível em <http://www.cedes.unicamp.br> - acesso em: 08 de jun. 2010

LOPES, Jader Janer Moreira; VASCONCELOS, Tânia de, **Geografia da infância: territorialidades infantis, Currículo sem fronteiras**, v. 6, n. 1, pp. 103-127, jan/jun 2006 http://www.currículosemfronteiras.org

BOMFIM, Natanael Reis, **A imagem da Geografia e do Ensino pelos professores das séries iniciais**. Estudos geográficos, Rio Claro, 4 (1): 107-116, jun. 2006 (ISSN 1678-698X) – disponível em www.rc.unesp.br/iqce/grad/geografia/revista.htm

BERGAMASCHI, Maria Aparecida, **Do acaso a intenção em Estudos Sociais.** disponível em http://www.pead.faced.ufrgs.br/sites/publico/eixo4/estudos_sociais/do_acaso_a_intencao